



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 02

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de fevereiro de 2015

Nº 04

POSSE NA ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS

O acadêmico Robério José Canto continua por mais dois anos no comando da instituição.

A prestigiosa ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS, que reúne altas expressões da intelectualidade de nossa Terra, viveu momentos de emoção e alegria, quando, no dia 30 de janeiro, empossou sua nova Diretoria, para o biênio 2015-2016.

Foi reconduzido à Presidência o Acadêmico ROBÉRIO JOSÉ CANTO, tendo como companheiros Luiz Cláudio Azevedo de Mendonça, Ordilei Alves da Costa, Tereza Malcher Campitelli, Alberto Wermelinger, Aécio Alves da Costa, Dilva de Moraes e Hartmut Riedmaier. Seus objetivos são incrementar a presença da AFL na sociedade, celebrar parcerias com outras

instituições e realizar palestras e cursos abertos a toda a sociedade.



Acadêmico Robério José Canto, Presidente da AFL. foto SABC

Beleza para lembrar!...

DIANTE do corte dos eucaliptos centenários da Praça Getúlio Vargas, em andamento, guardamos a bela lembrança de que desfrutamos por tantos anos!...

Ler páginas 3 e 4



Novo trovador

GRAÇAS à gentileza e sensibilidade da poetisa Elisabeth Souza Cruz, presidente da UBT Nova Friburgo, o nosso diretor, sociólogo Sebastião Antonio Bastos de Carvalho, teve uma de suas trovas inseridas no painel dos trovadores, existente na Praça do Suspiro - centro da cidade.

Agradecemos sensibilizados à querida confrade.



O escritor Sebastião A.B. de Carvalho mostra sua trova no painel da UBT. no centro de Nova Friburgo. foto fernandasouzacruz.

Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

Uma questão de clima!... E de cultura...

Os habitantes de Nova Friburgo estão reclamando por demais do clima, que -- dizem -- não é mais aquele, moderadamente frio, refrescante, acolhedor...

Alguns, esquecidos da fornalha que é Niterói, chegam a fazer comparações que julgamos descabidas, pois o que temos aqui nesta maravilha que é a “Suíça Brasileira” nunca sequer se aproxima do inferno climático das cidades do Rio de Janeiro e Niterói!...

Até mesmo cidades como Bom Jardim, Cordeiro, Cantagalo e Duas Barras, que muitos colonos suíços demandaram, em busca de terras mais propícias a certos cultivos e criações, são bem mais quentes que Nova Friburgo, embora também mais amenas que Niterói.

Há outros fatores que colocam Nova Friburgo como uma cidade que merece ser escolhida para se viver em paz e produzir em harmonia. Dispõe de uma infraestrutura geral bem desenvolvida, capaz de atender às necessidades humanas a contento. Talvez seja esta a razão do visível aumento populacional, o que nos leva a pensar na necessidade de maiores cuidados no planejamento da cidade, para que cresça adequadamente e em harmonia...

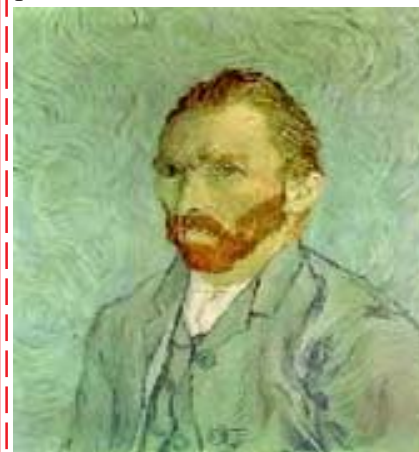
O poeta que escreveu a frase lapidar definindo esta terra, gravou-a com letras de ouro em nossas montanhas: **“Nova Friburgo, uma parada de caminho a caminho do Céu!”**

Não é atoa que poetas e compositores imortais tenham se ligado definitivamente a Nova Friburgo. A “Cidade da Trova” recebeu também a homenagem de Villa Lobos, tendo respondido com uma singela ação, dando seu nome a uma das ruas. (Ler a coluna de Elisabeth Souza Cruz, na pág. 6).



Grupo de literatos que compareceu à solenidade de inauguração da placa da Rua Heitor Villa Lobos, em 29.01.2015.

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades, mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

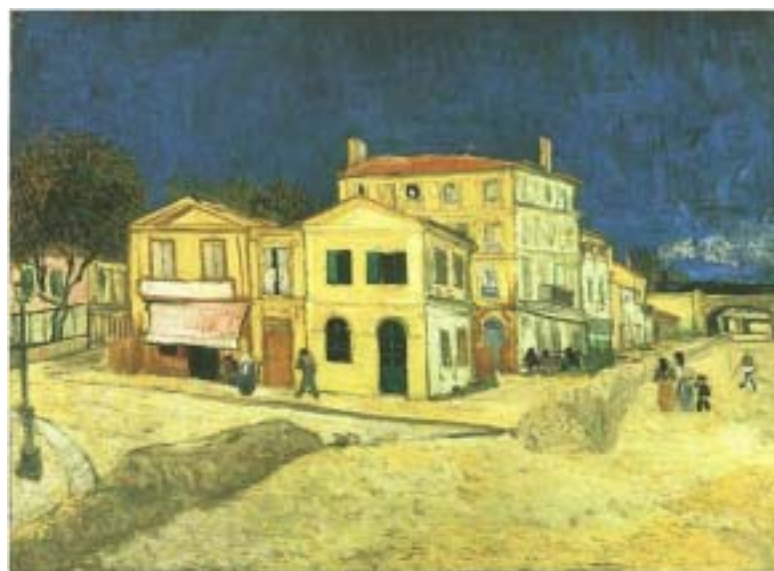
van Gogh e a literatura

Vem da edição anterior

No período em que Van Gogh viveu em Amsterdam, *De imitatione Christi*, de Thomas a Kempis, os *Oraisons funèbres* por Bossuet, e *Télémaque*, de Fénelon estiveram entre suas favoritas, e ele até quis copiar inteiramente a primeira destas em Francês. Após as quedas em Amsterdam, Van Gogh tomou consciência de sua posição. Numa observação casual na carta importante e reveladora de junho de 1808 mostra como o conseguiu: ‘Na estrada em que ora me encontro preciso continuar; se eu nada fizer, se eu não estudar, se eu não continuar tentando, então estarei perdido, então a desgraça se abaterá sobre mim. Eis como vejo tudo isso: continuar, continuar, eis o que é preciso’. Assim, ele não estava matando tempo ou vivendo ocioso, como sua família o acusou, mas estava lendo e estudando, a fim de descobrir onde achar seu chamamento. Isso explica porque tanta literatura é mencionada naquela carta. Michelet volta de novo a seu favor, juntamente com Harriet Beecher Stowe (*Uncle Tom’s cabin*), Victor Hugo, William Shakespeare e Aeschylus.

Continua na próxima edição...

Um quadro de van Gogh A Casa Amarela de Vincent van Gogh



Eis um óleo sobre tela pintado em Arles, em setembro de 1888. Acha-se no Museu Van Gogh, de Amsterdam. A casa Amarela ou casa de Vincent em Arles foi preparada pelo artista para nela trabalhar com colegas que pretendia reunir, formando uma espécie de cooperativa. O projeto não vingou, todavia, para tristeza do nosso Mestre! Mas o quadro continua ilustrando a memória de sua grande obra!

(Traduzido e condensado de Van Gogh Gallery of Art por SABC)

Atrações Turísticas de Nova Friburgo

A bela Praça Getúlio Vargas, eternizada pelas fotografias!...



Praça Getúlio Vargas - centro de Nova Friburgo foto SABC

NESTA página queremos registrar a beleza sem par da Praça Getúlio Vargas, que durante gerações encantou a população de Nova Friburgo e seus visitantes. Passar alguns momentos na praça era sempre algo muito agradável e acolhedor, especialmente devido ao que ofereciam suas árvores centenárias...

Mas o tempo se encarregou de mudar essa condição, e hoje assistimos, com pesar, ao corte dos velhos eucaliptos!



Fotos de SABC, colhidas em 16.01.2015

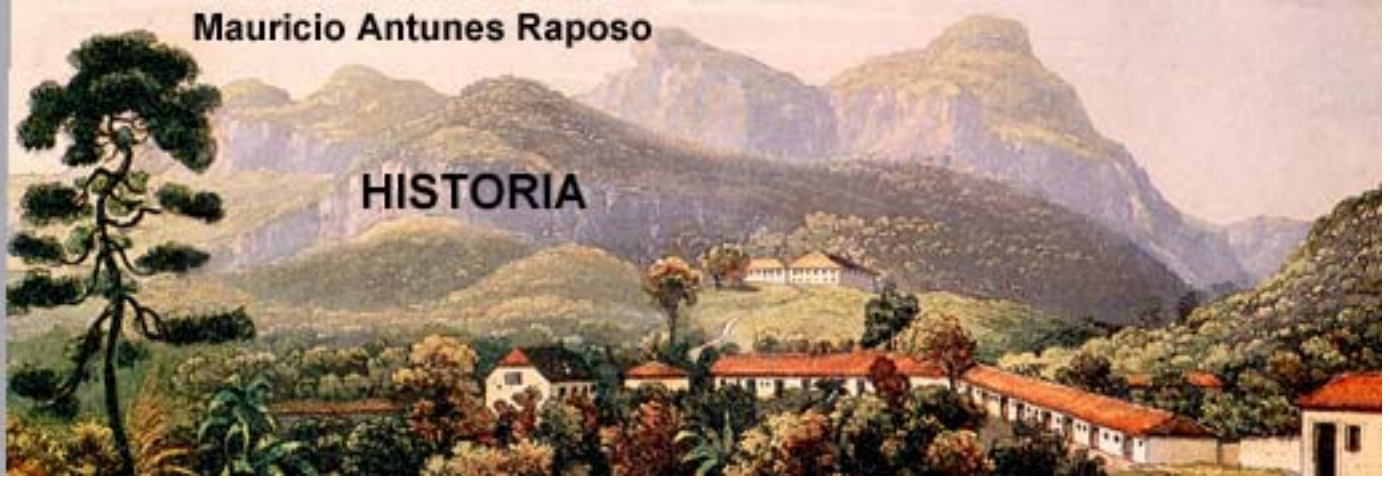
O poder público municipal informa que há um plano bem delineado de revitalização do logradouro...

Pode ser que a Praça se recupere, voltando a ser bonita e aprazível, mas o que estamos perdendo, infelizmente, nos parece irrecuperável! Assim é a vida, mas a natureza sempre se renova e continua a doar vida!...





Mauricio Antunes Raposo



A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA SOCIAL

Quando entrei na Matriz e deparei-me com os afrescos do Altar-mor sendo recuperados pelos restauradores, fiquei entusiasmado com a descoberta. Ao mesmo tempo, ficou a constatação de uma suspeita antiga: como poderia a Igreja de São João Batista, construída na segunda metade do século XIX não possuir, em seu interior, afrescos e pinturas nos três altares, nas paredes e no teto da nave principal? Como poderia existir uma Igreja tão singela e simples numa cidade como a de Nova Friburgo que possuía elites enriquecidas pelo café como a família Clemente Pinto, proprietária do casarão da Praça e do Country Clube?

Indagações à parte, graças à iniciativa do Padre Marcus Vinícius, e sua sensibilidade artística e histórica, descortinou-se do Altar-mor da Matriz, uma época já esquecida pela comunidade católica friburguense e que remonta a períodos importantes e marcantes da Catedral de Nova Friburgo, como a fase de atuação apostólica do Monsenhor José Antônio Teixeira.

Este feliz acontecimento revela a importância do resgate, como também da preservação da memória coletiva. A sociedade friburguense, carente de tais iniciativas, procura hoje, de forma ainda seletiva, reconstruir o seu passado, na busca de uma identidade que aproxime a atual geração com a antiga Nova Friburgo. Assim, observam-se nas tradicionais lojas comerciais do centro da cidade, fotografias em preto e branco de uma Nova Friburgo sendo “rasgada” em seu seio pelo trem movido pela queima do carvão, mais conhecido como Maria-fumaça, cruzando a Av. Alberto Braune e a Praça Getúlio Vargas.

Entretanto, a Memória Social do nosso município vai mais além da saudade do velho trem e de sua fumaça. Os monumentos erguidos nas praças e avenidas e os eucaliptos centenários da principal Praça de Nova Friburgo, outrora Princesa Isabel e atual Getúlio Vargas, são fortes exemplos da memória social da sociedade friburguense. Confesso muita tristeza ao ver os cortes dos eucaliptos que embelezavam e davam frescor à área da praça.

Há que se falar também das histórias e vivências de muitos friburguenses, que não foram documentadas pelos órgãos municipais. Geralmente são grupos sociais marginalizados ou excluídos dentro de um contexto histórico e político. Neste sentido, podemos enumerar os operários das fábricas alemãs, os

trabalhadores urbanos e rurais, as mulheres e crianças, os perseguidos pelos regimes arbitrários como o Estado Novo e o Militar e outros que, através do relato oral contribuíram para a formação da história de Nova Friburgo.

Portanto, termos o centro de documentação do Pró-memória, atual Fundação D. João VI é um importante caminho para a preservação da nossa memória social. Entretanto, não é o único e mais importante para o seu resgate e preservação. Toda a sociedade friburguense tem a obrigação de se organizar e denunciar fatos que atentem contra o nosso patrimônio artístico e histórico, com o intuito de se evitarem tragédias ocorridas em nossa memória social, como os cortes dos eucaliptos, e todos os prédios e monumentos que foram destruídos pelas elites políticas de Nova Friburgo, que, abrangendo vários governos, nem sempre foram comprometidas com a construção de nossa História.

O Prof. Mauricio Antunes Raposo é Historiador e Especialista em História Regional do Rio de Janeiro.

E-mail: mauraposo@ig.com.br.

OS ARQUIVOS VIVOS DA COMUNIDADE

Sebastião A.B. de Carvalho

Os nossos intelectuais, que são muitos, reunidos em várias instituições, como a Academia Friburguense de Letras, e atuantes em jornais locais -- cabem a eles a tarefa de colher dos cidadãos idosos, verdadeiros arquivos ambulantes de nossa história, subsídios valiosos de que tem notícia e/ou vivência...

Tenho visto relatos, aqui e ali, de alguns fatos, que a bruma do passado procura esconder, mas que permanecem vivos nas memórias dos nossos anciões...

Cada qual trabalha à sua maneira e conveniência, de modo que fica tudo muito disperso...

Bom seria se esses intelectuais e estudiosos se unissem num projeto, que colhesse dos cidadãos mais vividos, testemunhas da história, os preciosos subsídios que formaram a nossa coletividade...

As vidas de nossos idosos tem tudo a ver com o que entendemos como vida coletiva, e seus relatos precisam ser tomados, classificados, arquivados, estudados e analisados, resultando daí obras de grande valor para o entendimento de nossa Terra.

Fica a ideia, que nada tem de novo ou original, mas ainda não vingou!...



NESTA página vamos abordar as vidas e obras de vultos que deixaram marcas positivas na vida do Município de Nova Friburgo. São pessoas que construíram exemplos dignificantes de amor à terra e ao povo, e que por esta razão devem ser para sempre lembrados com carinho, respeito e admiração.

Júlio Mário Salusse - poeta

Os cisnes



foto: Padrecelestinopimentel.blogspot.com

A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul sem ondas, sem espumas,

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas.

Um dia um cisne morrerá, por certo:
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisque,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne!

Júlio Salusse

POEMA inspirado por uma grande paixão nutrida por Laura de Nova Friburgo, OS CISNES é uma peça imorredoura da literatura poética brasileira.

ESCREVENDO sobre Salusse, assim se expressou a poetisa e jornalista de O NOVO CANTAGALO, a saudosa Amélia Tomás, na década de 1950:

Há 90 anos, no dia 30 de março, na Fazenda Gonguy, em Bom Jardim, então município de Nova Friburgo, nascia Júlio Mário Salusse, cujo nome seria consagrado nas letras brasileiras com um soneto, entre os muitos que escreveu: “Cisnes”.

Órfão muito cedo, foi Júlio Salusse criado pela avó, com extremos de carinho, aquela mesma senhora que hospedara em sua pensão Casimiro de Abreu, e a quem, devido à saída precipitada em virtude do rápido progresso da doença que o vitimou, o poeta confessava dever uma pequena conta.

Formou-se Júlio Salusse em Direito e exerceu a promotoria em Nova Friburgo, onde sempre viveu.

Depois de receber considerável herança, viajou pela Europa, e, de volta, traz na alma de poeta e de jovem a visão de beleza com que o Velho Mundo impregna os olhos dos artistas.

A poesia sedutora de Friburgo, com aquele maravilhoso céu que

parece beijar os píncaros das montanhas, a beleza loura das jovens da cidade serrana, não exerceram tanta fascinação sobre o poeta como a beleza da filha do Conde de Nova Friburgo, culta e inteligente, recém-chegada da Europa, onde se educava, e que seria a Laura do último Petrarca, como o denominou um seu biógrafo.

Mas Laura não corresponde à paixão do poeta, uma dessas paixões eternas, que imortalizam um poeta.

Foi talvez contemplando os cisnes do Parque São Clemente, pensando nela, que Júlio Salusse escreveu o seu soneto célebre: OS CISNES.

Mas a amargura que a decepção lhe deixou, cava em sua alma marcas profundas, e o moço louro e esbelto foi caminhando sozinho até à velhice, espalhando versos, onde não raro transparecem a revolta e a misantropia:

“Sou de certo um doente, um pobre visionário,
Nervosíssimo ser de louca fantasia”...

Os temas lúgubres o atraem, e dedica à coruja um soneto perfeito:
“De tempos para cá, na torre velha e suja
Que da casa em que habito em ruínas se vê,
Um pássaro funéreo, a funérea coruja,
Todas as noites ri, mas eu não sei de quê!”

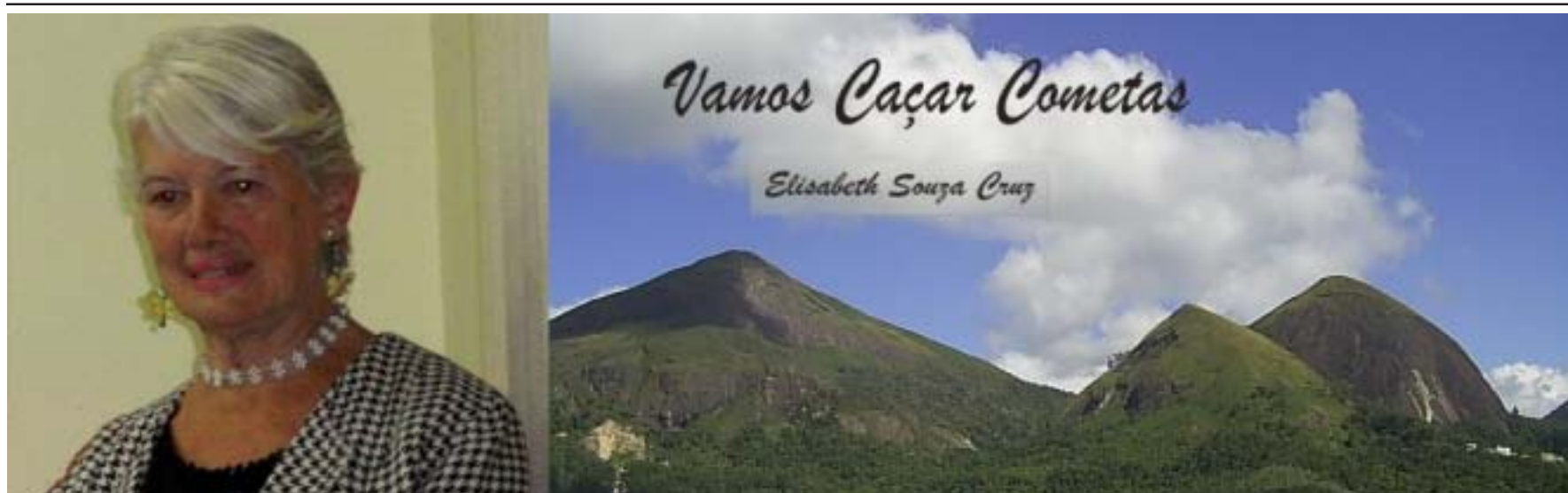
O desalento lhe invade o coração, e ele, alma cheia de ternura, que em todos deixou a lembrança da suavidade e da delicadeza, dá expansão ao desespero íntimo, não sopitando a revolta contra a vida, que ao dar-lhe tantos dons, negou-lhe o único com que talvez se contentasse o poeta para ser feliz — o amor.

Nero é o título do soneto magistral, onde o poeta extravasa o fel que lhe amarga os dias:

“Muito embora tivesse um peito fero
O monstruoso imperador romano,
Conquanto fosse pérfido e tirano,
Contra os seus atos nunca vocífero.
Medito sempre com prazer sincero
Nas mortes de Agripina e de Lucano.
Sou muito mais perverso e desumano,
Muito mais sanguinário do que Nero.
Aos lírios dos jardins, às pombas mansas,
Aos homens, às mulheres e às crianças
Voto um ódio satânico, profundo.
Nero, notável pela crueldade,
Incendiou somente uma cidade,
Eu, se pudesse, incendiava o mundo!”

Em 1948, morria o poeta. A glória nada lhe acrescentou ao nome ilustre: já lhe havia há muito aberto as portas da imortalidade.

RECONHECENDO o grande valor literário do poeta JÚLIO MÁRIO SALUSSE, os acadêmicos da ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS consagraram-no como seu PATRONO. Isso empresta à nossa augusta academia, um tom ainda mais alto, de valor e prestígio, no concerto das instituições congêneres.



No Trenzinho Caipira

Nova Friburgo surpreende! Não apenas pelo seu povo acolhedor, pelas belezas naturais, por suas montanhas, pela variação do verde em suas matas. Não somente pelo frescor de suas noites de verão ou pela névoa fina que o Sol vem abraçar nas manhãs de inverno. Em especial, Nova Friburgo surpreende pela capacidade de registrar em sua história de quase 200 anos, episódios memoráveis. Cidade Real, Suíça Brasileira, Cidade da Trova, das Flores, Capital da Moda



Intima e tantos outros títulos, tornam a cidade envolta em constante traje de gala, sempre engalanada para uma comemoração. E foi no seu traje mais bonito de festa – céu azul e a verde mata – que no último dia 29 de janeiro comemorou-se o centenário do primeiro concerto de Heitor Villa Lobos, realizado no antigo Teatro Dona Eugênia, em Nova Friburgo. Cem anos se passaram e hoje ligamos 1915 a 2015, na certeza de que a memória friburguense honra seu passado para alicerçar o futuro.

A programação do festejo teve início às 10 horas da manhã, na Praça do Suspiro, quando o “Trenzinho Caipira”, levando passageiros de sonhos, seguiu até a Ponte da Saudade para a inauguração da nova placa da Rua Villa Lobos, já existente há mais de quarenta anos no local, conforme registro do correio.

5”, Robério Canto, presidente da AFL e o professor Paulo Jordão

Ao som de “Bachiana nº descerram a placa, sob aplausos à memória do homenageado. A rua ganhou um ar festivo e, logo em seguida, a comitiva retornou ao centro da cidade. Às 18 horas, na Praça dos Trovadores Rodolpho Abbud, as comemorações ficaram por conta do



evento “Villa Lobos no Trem da Trova”. A jornalista e presidente da UBT- Nova Friburgo, trovadora Elisabeth Souza Cruz proferiu discurso de boas vindas a todos, ressaltando a importância da comemoração como a primeira atividade realizada no local depois da restauração da praça e da reconstrução da Fonte do Suspiro.

Além da declamação de trovas a Villa Lobos, o encontro contou com a apresentação musical do violonista Thiago Guzo, que interpretou o “Trenzinho do Caipira”, com direito a bis, e outras canções da MPB. Ao som do CD da Banda Euterpe Friburguense, a faixa intitulada “Villa-Lobos” enterneceu os corações dos participantes. O jornalista Girlan Guiland expressou sua satisfação pelo apoio recebido da mídia local, dos parceiros que se engajaram na iniciativa, entre os quais a Banda Euterpe Friburguense, Jornal A Voz da Serra, ACIANF, GAMA, Academia Friburguense de Letras, UBT e demais incentivadores. Destacou ainda o jornalista Nelson Alvarez, provedor de muitas informações, documentadas, sobre a passagem de Villa Lobos em Nova Friburgo. Várias representações culturais estiveram presentes, bem como simpatizantes e abnegados que compõem o grupo de abnegados, todos com o mesmo empenho de que 2015 é o Ano Villa Lobos de Nova Friburgo. Os festejos só começaram, pois neste ano haverá novos encontros e comemorações.



Nessas paisagens serranas, Nova Friburgo se inspira celebrando as “Bachianas” no “Trenzinho Caipira”

Este JORNAL CULTURAL DE NOVA FRIBURGO prestigiou o evento, tendo nosso diretor viajado no Trenzinho Caipira até à Rua Villa Lobos, onde assistiu ao descerrar da placa e demais atos comemorativos, louvando a iniciativa da UBT, da AFL, da Euterpe, do Gama e demais entidades envolvidas.



A conexão é mais importante

Não basta, apenas, ter conhecimento. É necessário estar conectado. O conhecimento individual ou que se restrinja a grupos fechados, sobretudo aquele que consegue fazer um aluno ser aprovado em inúmeros concursos, ganhando até prêmios pelas suas façanhas, pode ter um significado muito pequeno diante das necessidades da sociedade.

Houve tempo em que as aulas de geografia discorriam sobre regiões chamadas de polo de atração e, outras, de expulsão. Também eram consideradas as regiões ditas de centro ou periferia. Desenvolvida junto com o conhecimento e, hoje, superando-a, a era das conexões é uma condição sem a qual a humanidade não conseguirá avançar.

A era do conhecimento foi superada, embora sem ele, a conexão perca o sentido, mesmo sendo um caminho para obtê-lo. Se algumas regiões podem ser classificadas como capazes de expulsar pessoas pela falta de condições de bem estar social, não se pode dizer o mesmo em relação aos centros e periferias.

Com a tomada para força elétrica e a comunicação inalâmbica – sem fio – qualquer lugar pode ser o centro das conexões.

Interessante que fazendo uma visita a uma faculdade e seus cursos de pedagogia na região Centro Oeste do Brasil, uma das acadêmicas chamou a atenção para que determinadas ferramentas para facilitar a aprendizagem estivessem disponíveis somente nos grandes centros. Continuei minha preleção no sentido de informar-lhe que ela estava no centro, o que era seguidamente negado, quando percebi um celular G3 sobre a sua mesa. Apresentando um pensador da pedagogia moderna solicitei que ela aproveitasse o ambiente wireless para acessar o google, o que foi feito com extrema facilidade. Foi o suficiente para indicar-lhe que o centro poderia ser, perfeitamente, aquela sala de aula e que as comunicações disponíveis facilitariam constantemente o aprendizado.

A conclusão que se impõe é clara: uma escola não pode mais preparar professores sem que eles tenham uma experiência concreta do mundo das conexões. Uma escola não pode ensinar sem oportunizar aos alunos que se conectem com os outros

colegas, seja pessoalmente, em sala de aula, comunicando o que acabaram de aprender ou expondo suas dúvidas; seja à distância, pelas redes sociais e demais aplicativos disponíveis na internet. Restringindo-se, apenas, ao modelo ensino-aprendizagem, deixando de lado a experiência dessa troca imediata e contínua dos conhecimentos adquiridos, estaremos preparando desempregados.

Professor Hamilton Werneck é pedagogo, escritor e palestrante.
www.hamiltonwerneck.com.br

Os meios são a mensagem!...

Prof. Sebastião Carvalho

ESTE excelente e oportuno artigo do Professor Hamilton Werneck remeteu-me para os idos da década de 1970, quando, lecionando Sociologia no Liceu Nilo Peçanha, de Niterói, apresentei aos alunos um trabalho, na época revolucionário, do famoso pesquisador Marshal McLuhan.

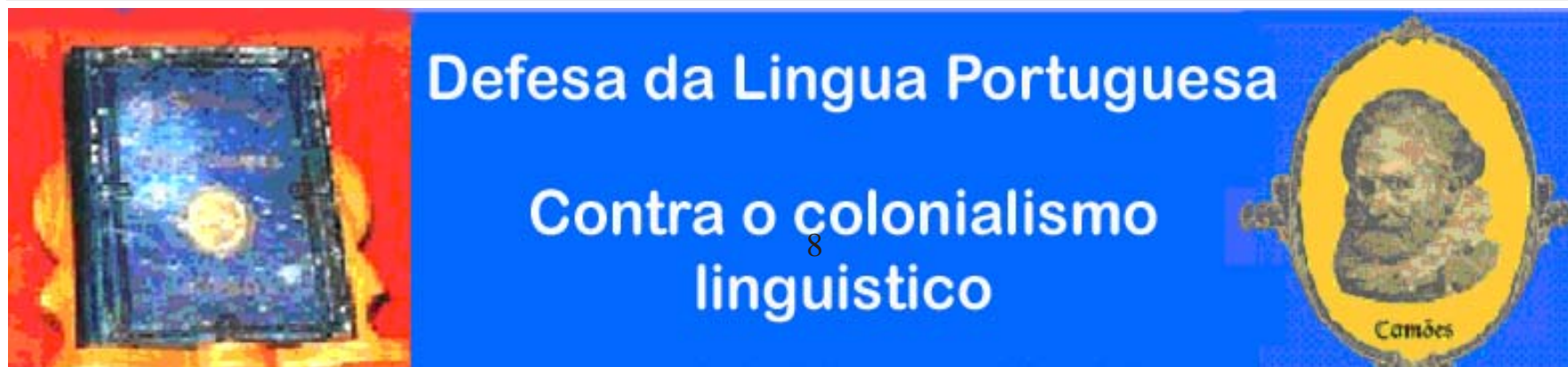
AFIRMANDO que “os meios são a mensagem”, ele demonstrou que os meios de comunicação tinham se tornado como extensões do homem, proporcionando-lhe conexão instantânea com toda a Aldeia Global, na qual havia se tornado este nosso velho mundo!

HOJE, a mensagem do cientista está mais do que comprovada, quando adolescentes vivem conectados com seus celulares, chegando até a sofrerem a possibilidade de trocarem a vida real pela virtual, o que caracterizaria uma doença social de suma gravidade!...

MAS fiquemos com a parte positiva da questão, e vamos ver nesse avanço tecnológico, um apoio à nossa **CIBEREDUCAÇÃO**, que propõe uma maior participação dos alunos na elaboração do planejamento de suas atividades escolares. Um jovem que usa os recursos modernos para se comunicar com o mundo todo à vontade, para pesquisar qualquer assunto que queira, esse jovem precisa ter a oportunidade de uma maior participação em sua vida escolar. Não o tendo, ele pode sentir-se um prisioneiro na escola, vítima da ditadura educacional que lhe é imposta por uma sociedade que fala em democracia e direitos humanos, mas escravisa a juventude, dizendo que o faz para o próprio bem do infeliz!

NÃO vamos desistir de propor uma revolução na escola, com mudanças que quebrem a monotonia e a rigidez, conferindo mais liberdade e responsabilidade a todos. O professor, livre de ser um simples repetidor de matérias, poderá exercer a sua missão de orientador, de educador, num ambiente que, transcendendo a sala de aulas, torna-se agradável e estimulante.

COMPREENDEMOS a resistência dos que estão acomodados no que existe, pois na época em que MacLuhan publicou suas pesquisas, muitos também até se escandalizaram! Vejam, contudo, que ele estava apenas adiantando o que hoje já é até corriqueiro em nosso cotidiano! O povo está cada vez mais conectado, embora, talvez por falta do que pregamos em nossa **CIBEREDUCAÇÃO**, não entenda da missa um terço!



Estamos prosseguindo com a campanha a favor da preservação de nosso idioma pátrio, a Língua Portuguesa.

A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo. *Olavo Bilac*

LÍNGUA PORTUGUESA

Uma jóia de Olavo Bilac, exaltando o nosso idioma pátrio...

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,

E o arrollo da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

O triste caminho de nosso idioma!...

QUEM ama e se preocupa com a Língua Portuguesa do Brasil assiste, desolado, à corrupção do idioma pátrio, fruto da ignorância geral, e do pragmatismo desenfreado e cobiça dos responsáveis pelos meios de comunicação

Para facilitar estrangeiros e ignorantes

Porque a escola primária parou de exigir que seus alunos aprendam VERBOS, e ainda para facilitar os estrangeiros que não conseguem flexioná-los, adotou-se a substituição do pronome NÓS pela expressão A GENTE!

Também porque não mais se ensinam as várias formas obliquas dos pronomes pessoais, ouvimos a miude barbaridades como: "Aprendi por SI mesmo!"

Outra, e muito grave: Os tecnocratas importadores de conhecimentos estrangeiros, em várias áreas, especialmente de *marketing*, introduziram e mantêm em seus cursos, expressões que são frutos de traduções malfeitas, como: Vou estar fazendo...

Quando o correto seria: Vou fazer/farei.

Sobre o que se faz na Internet, o problema é assustador!

Ao invés de usarem palavras do nosso idioma, ou até de criarem novos termos, com as nossas regras, usam à vontade palavras estrangeiras. Alguns tentam se justificar dizendo que assim se comunicam melhor com o mundo. Há controvérsia sobre se isso vale!

Vejamos algumas palavras e suas correspondentes em Português que poderíamos usar...

Deletar =Apagar; Site =Sítio; on line = em linha; Download =Baixar; Upload = Carregar...

Onde estão as academias de letras, as faculdades, os profissionais que ganham a vida e até se tornam celebridades usando a Língua Portuguesa do Brasil? também as autoridades e demais responsáveis pelo nosso patrimônio cultural? Por que não cumprem o seu dever de proteger e zelar pela conservação e progresso do idioma pátrio?

Fazemos aqui um apelo para que nos unamos todos nessa missão patriótica.

Filosofia Maçônica - Moral e Dogma, de Albert Pike



Sebastião A.B. de Carvalho, com carta constitutiva da BS

COM o objetivo de divulgar a filosofia da maior Ordem Iniciática do Ocidente, a Maçonaria, Sebastião A.B. de Carvalho, Mestre Maçon, Mestre Instalado, Príncipe do Real Segredo, Grau 32º do Rito Escocês Antigo e Aceito, membro de duas potências maçônicas, o Grande Oriente do Brasil e a Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro, Venerável Mestre fundador da Loja Benjamim Sodré (Niterói) está publicando este trabalho, abordando os 3 graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito, baseando-se em sua experiência pessoal ao galgar os graus da Ordem. Aspectos como as descrições e significados dos utensílios usados pelos maçons não serão analisados, mas somente itens que tenham conotação essencialmente filosófica.



Grau 32º do REAA

Grau 3º - Mestre Maçon

INTRODUÇÃO – Após termos percorrido sobre os graus 1 e 2 da Maçonaria, vamos hoje tratar do terceiro e último grau do simbolismo, o grau que confere ao Iniciado a plenitude dos ensinamentos da Ordem. Além deste estágio, temos os graus superiores, que vão do quarto ao trigésimo-terceiro, no Rito Escocês Antigo e Aceito.

Enquanto o Primeiro Grau prepara o candidato para receber os ensinamentos essenciais, acentuando a necessidade da disciplina e da perseverança, da autoconfiança e do amor, e o Segundo Grau aponta para a necessidade do estudo mais ampliado e livre, e a experimentação, — este Terceiro Grau eleva o tom da seriedade e da espiritualidade, introduzindo uma vivência simbólica que retrata a fragilidade da vida humana. Sim, a fragilidade da vida humana, ancorada no corpo físico, na matéria e em seus sub-produtos psíquicos.

Assim como o Cristianismo mostra a tragédia de Jesus, traído por Judas e pregado numa cruz nefanda,

a Maçonaria nos apresenta o Mestre Hiram, que, traído por companheiros ambiciosos, é morto e enterrado. Jesus ressuscita dos mortos, na glória do homem-Deus, que é o Cristo; Hiram é chamado por seus irmãos, para um retorno à vida, no recinto sagrado do Templo... A vida acaba, mas a Existência continua... E isso é a Imortalidade!

A ornamentação do Templo, no Terceiro Grau, é sombria e triste. Mostra que tudo aquilo que a vida proporciona tem um fim, e propõe uma grave reflexão sobre tudo que nos é dado conhecer e realizar!...

Mas não é alimentando tristezas que o homem vai levar a vida e realizar a obra... Sim, a Obra que o Mestre vai propor, planejar, traçar e realizar com os seus pares...

E esta Obra é grandiosa, a ser feita por aqueles que se propuseram, desde o início a “cavar túmulos ao vício e erguer templos à Virtude”...

COM este artigo, encerramos a publicação de matérias sobre os Graus Maçônicos, reservando os graus superiores para uma outra ocasião.

Pérolas de Sabedoria

excertos da Nova Doutrina, de mahabhutani e indrananda, inspirados por sri ramana maharshi

Onipresença Divina

Ao sentirmos o frescor da brisa que vem através da folhagem de uma árvore, vislumbramos a existência d'ELE. Ao ouvirmos o som harmonioso das águas, ao se lançarem nas areias da praia, podemos escutar a Voz d'ELE. Ao contemplarmos a Luz das Estrelas, do Sol e da Lua, visualizamos ELE. É por isso que os Ensinamentos contidos na Nova Doutrina, mostram-nos que tudo é DEUS, e que ELE se manifesta através da Natureza e de nós próprios, em cujo SER habita. (ND 7.11.)

O EU e o SER

A unificação das forças dos quatro elementos, dirigida para o EU, elimina os resquícios do Ego, e atinge, com muita Iluminação, o SER resplandescente.

Harmonizar-se com a natureza é algo que o Discípulo tem que fazer, a fim de realizar-se neste mundo, e nos outros! As energias contidas nos átomos dos quatro elementos, unida à energia cósmica, proveniente do Mais Alto, perpassando pelos chakras, qualificam-se e, unificando-se, promovem a eliminação dos últimos cascos materiais que emperram a evolução, permitindo, assim, que o Peregrino parta para a transcendência.

A consciência absoluta é o despertar, na sua totalidade, do seu Eu Superior. Porque existe uma diferença entre o Eu Superior e o SER. O Eu Superior identifica-se com a Divindade, ao passo que o SER é a Verdade, sem qualquer discriminação. (ND 4.8.)



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

O sentido da Vida (Do livro Vento nas Casuarinas, publicado em 2002)

“Se acharmos as respostas, teremos chegado ao triunfo supremo da razão humana, porque aí conheceríamos a mente de Deus!”

Ouvi ontem na televisão, a notícia da morte de Gene Kelly. Pouca gente terá dançado como ele, com agilidade e graça. As imagens de Gene Kelly com um guarda-chuva, chutando as poças de água (aqui o filme chamou-se “Dançando na Chuva” e, em Portugal, “A dançar sobre o aguaceiro”). (Creio que nossos amigos lusos devem achar muito engraçado o título brasileiro), pois bem essas imagens estão gravadas nas retinas de milhões de pessoas, em todos os cantos do mundo.

Quando morreu Grace Kelly, escrevi uma crônica intitulada “A morte sem graça de Grace” para me lamuriar de que estivessem indo embora, um a um, os astros que eu tanto havia admirado. Porque, eu, moleque, vivia percorrendo os cinemas que então existiam em nossa cidade. O mesmo sentimento se repete agora com a morte do astro de “Um americano em Paris” Sinto a vaga sensação de ter perdido um tioquerido, que eu há muito não via, e que, na verdade, nunca ligara muito para mim. Mas que era querido pelas histórias que sabia contar.

Rubem Braga tem uma crônica em que constata que muita gente andava morrendo, e conclui, melancólico, que, a continuar aumentando daquela maneira o “lado de lá”, breve ele estaria falando sozinho do lado de cá... Não que eu tenha já tantos amigos e parentes na outra margem, mas sempre que morre uma dessas pessoas que de alguma forma fizeram parte de nossa vida, a gente sente a incômoda sensação de que está na fila de um precipício, que o pessoal lá de trás vem nos empurrando, e, mais dia menos dia, chegará a nossa hora de dar o grande salto. Não há como evitar, não há como dar a vez a quem vem depois de nós na fila, como às vezes fazemos no supermercado com as senhoras idosas...

“Desde o instante em que se nasce, se principia a morrer”, nos ensina o poema “O Relógio” de Cassiano Ricardo. Mas raramente pensamos na “indesejada das gentes”, como a chamou Manuel Bandeira, e fazemos bem, porque viver pensando na morte é já morrer um pouco, por antecipação. Mas certos passamentos, para usar um eufemismo de antigamente, são como lufadas de vento que nos pegam de repente, e nos fazem pensar que daqui a pouco pode chover, ainda que agora o sol esteja brilhando sobre nossas cabeças.

Melhor mesmo é pensar na vida, que “é bonita, é bonita, é bonita”, como cantava Gonzaguinha... Dag Hammarskjöld, que não sem razão foi Prêmio Nobel da Paz, deixou um conselho de ouro: “Não procure a morte. Ela o encontrará. Procure o caminho que faz da morte

um complemento”. O que não é nada fácil, admitamos. Tanto que um publicitário inglês, atravessando uma fase ruim, mandou carta a muitas personalidades, perguntando-lhes qual o sentido da vida. Até que várias pessoas responderam. Mas, se ele esperava encontrar nessas respostas uma palavra miraculosa que lhe injetasse ânimo novo, creio que se decepcionou. Um (o ator inglês John Gielgud) citou Shakespeare “A vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, sem sentido algum”. O próprio Dalai Lama, líder espiritual do Tibet, não conseguiu ser muito original: “O sentido da vida é ser feliz”. Há os incrédulos! Não vejo sentido na ideia de um propósito cósmico -- nem razão para acreditar num propósito divino”. (Peter Strawson, professor de Filosofia Metafísica). Bem diferente dele pensa o ex-primeiro ministro inglês Harold Wilson: “A resposta deve estar nos ensinamentos de Cristo”. Não faltou resposta rabugenta, como a da escritora Catherine Cockson: “Se eu soubesse qual o sentido da vida, eu é que teria criado a vida”. Nem gaiata: “Se não fosse a vida, onde é que nós estaríamos? Mortos”. (Ronnie Barker, humorista). Talvez a resposta mais linda tenha sido a do físico Stephen Hawking, que, doente, só move os olhos, os dedos e sua prodigiosa inteligência, e essas três coisas são suficientes para que ele se comunique por meio de máquinas. Hawking disse que “Se acharmos as respostas, teremos chegado ao triunfo supremo da razão humana, porque aí conheceríamos a mente de Deus”.

E você, Me diga: para você, qual o sentido da vida?

Nossa resposta: O sentido da Vida

A grande dificuldade na elaboração de uma resposta a esta questão é a inadequação da linguagem. Os iniciados conhecem a mouna, que é a voz do silêncio. Sim, é através da meditação, e não do discurso, que se conhece a Realidade! Tendo isso em mente, vemos que de todas as respostas apresentadas na crônica, a do Dalai Lama mostrou-se mais próxima da Realidade. Ser feliz é mesmo o sentido da Vida e o objetivo do ser humano.

Quando, pela meditação e dedicação ao estudo e prática da doutrina sagrada, o indivíduo apreende a Verdade de que é uno com o Cosmos, de que sua existência não tem fim, abarcando várias vidas, ele compreende o sentido da vida e é feliz! E isso é a Imortalidade!

Para mais esclarecimentos, ler os livros da SOBUHIR, em

www.nitcult.com.br/sobuhir.htm

A redação do JORNAL CULTURAL